

NOMADISMO, “VIRAÇÃO” E SOBREVIVÊNCIA EM PERÍODOS DE CRISE DO CAPITAL

UMA CRÍTICA À EXPANSÃO DA PRECARIZAÇÃO NA GESTÃO POR PLATAFORMAS

Camila de Sousa Ricarte¹
Eveline Nogueira Pinheiro de Oliveira²
Cassio Adriano Braz de Aquino³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir as relações entre o processo de precarização do trabalho e o surgimento de atividades plataformizadas. Para tanto, utilizamos como objeto de análise o trabalho nas plataformas da Amazon e os serviços que seguem o modelo

¹ Universidade Federal do Ceará - UFC. Psicanalista, graduada e mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Psicóloga colaboradora no Projeto “Na lida da vida”. Integrante do Núcleo de Psicologia do trabalho, NUTRA - UFC.

E-mail: camila.ricarte5@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9609785382567560>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5817-8467>

² Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (PPGpsi UFC), com bolsa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Mestra em Psicologia pelo PPGpsi UFC (2017), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Psicologia pela UFC (2015). Integrante do Núcleo de Psicologia do Trabalho da Universidade Federal do Ceará (NUTRA UFC).

E-mail: nogueiraeveline@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7897146032129672>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9702-0352>

³ Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor de Psicologia do Trabalho no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Psicologia Social pela Universidad Complutense de Madrid. Coordenador do Núcleo de Psicologia do trabalho, NUTRA - UFC.

E-mail: brazaquino@ufc.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0857879689626098>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8651-1634>

de gerência da Uber. Comparam o modo como as crises intensificam o trabalho precário, respectivamente nos Estados Unidos da América e no Brasil, resguardadas as diferenças de como a incisiva neoliberal decorre em diferentes espaços geográficos. Temos como resultado desta análise que o crescente empobrecimento das populações destes países aos quais voltamos nossa análise, dá-se de maneira diferente quanto ao escopo envolvido nas atividades que tomamos como base para a análise. Ainda que de modo incipiente, as saídas coletivas têm-se apresentado como referência para algum retorno à dignidade no trabalho.

Palavras-chave: Nomadismo. Precarização. Gestão. Plataformas.

NOMADISM, “GETTING BY” AND SURVIVAL IN PERIODS OF CAPITAL CRISIS A CRITIQUE OF THE EXPANSION OF PRECARIOUSNESS IN PLATFORM MANAGEMENT

Abstract: This paper aims to discuss the relations between the process of labor precarization and the emergence of platform activities. To do so, we use as the object of analysis the work on Amazon’s platforms and the services that follow Uber’s management model. We compare how the crises intensify precarious work, respectively in the United States of America and in Brazil, keeping in mind the differences in how the neoliberal incisiveness occurs in different geographic spaces. We have as a result of this analysis the growing impoverishment of the populations of these countries to which we turn our analysis occurring in a different way as to the scope involved in the activities that we take as a basis for the analysis. Although in an incipient way, the collective exits have presented themselves as a reference for some return to dignity at work.

Keywords: Nomadism. Precariousness. Management. Platform.

Introdução: há futuro para o trabalhador?

O mundo do trabalho e a classe que dele vive, já há algumas décadas, passam por movimentos de aceleração, descartabilidade e

efemeridade. A ideia de sobreviver “mês a mês”, como uma forma de existência precária e estressante, outrora era relativamente estranha, tendo sido hoje quase naturalmente incorporada aos modos de vida do trabalho. Utilizaremos ao longo de nossa escrita, a pesquisa de Jessica Bruder trabalhada em “*Nomadland: Surviving America in the twenty-first century*” (BRUDER, 2021) como exemplo daquilo que vem sendo nosso campo de estudos em relação às constantes mudanças na organização do trabalho. Em 2020, o filme homônimo dirigido por Chloé Zhao chegou aos cinemas transpondo para ficção a realidade exposta no livro de Bruder, dando notoriedade ao tema, uma vez que o filme angariou prêmios como o Oscar de melhor filme no ano de 2021.

Partiremos da ideia central de que, a partir de certos pontos críticos, há uma reorganização e cooptação dos mais afetados para trabalhos que ficam fora dos escopos de regulamentação, a saber os jovens em países periféricos e os mais idosos, como os representados por Bruder (2021). Coadunando com este pensamento, parece haver um alargamento das atividades que compõem o que vem sendo reconhecido como trabalho atípico (VASAPOLLO, 2005), o que confrontaremos com os termos possíveis a partir da realidade brasileira, já que a inserção do neoliberalismo adequa-se à realidade do território e, portanto, apropria-se da força de trabalho existente e com as características do espaço ali disponível (AQUINO, 2020). Partindo dessa ideia, aproximaremos o fenômeno do nomadismo nos Estados Unidos da América com o modo mais recente da flexibilização e precarização do trabalho no Brasil, nomeado como Uberização ou plataformização do trabalho.

Na esteira das modificações que o neoliberalismo insere no campo do trabalho, em consonância com as modificações impostas

aos trabalhadores, está o mais recente modelo de gestão de empresas através de plataformas, que tem intensificado as formas de exploração da força de trabalho, principalmente mais visíveis ao redor das grandes metrópoles. Os limites anteriormente garantidos por regulações trabalhistas não são mais reconhecidos e, constantemente, as margens que garantem condições de sobrevivência à classe trabalhadora são estreitadas, sob a desculpa de atender ao mercado. São exemplos do que surgem nesse campo de inovação diversas plataformas, como a gigante do ramo de transportes por aplicativo Uber, paradigmática no Brasil, e a Amazon, e-commerce que engloba diversos nichos de venda e distribuição de produtos online. As duas empresas são exponenciais nas modificações que inserem nas relações de trabalho na atualidade.

Traremos essas duas plataformas como exemplos desse modelo dada a capilaridade de incidência, e para traçar paralelos entre a inserção de cada uma delas em seus respectivos campos: o modo como a Uber e os negócios que seguem o seu modelo operacional expandem com as crises econômicas brasileiras (MANZANO; KREIN, 2020) e o modo como a Amazon aumenta as faixas etárias de seus trabalhadores com a crise estadunidense, a exemplo do Camper Force (BRUDER, 2021). Na similaridade possível de perceber através da maneira como chegam aos seus territórios de atuação, traremos ao longo deste escrito um histórico da relação do neoliberalismo com o surgimento do trabalho platformizado e por fim a caracterização dos trabalhos no Camper Force, como dado que exemplifica o que traçamos enquanto modelo de atividade em amplo processo de precarização .

A Uber, por onde se insere, chega interferindo na organização das malhas viárias e na regulamentação do trabalho de transporte de

passageiros. As empresas que seguem o seu modelo de gerenciamento a copiam, a exemplo de algumas plataformas de entrega, como o Ifood e a Rappi. O que essas empresas fazem é capturar um grande número de trabalhadores já existentes nas cidades e vinculá-los a um aplicativo que opera articulando restaurantes, passageiros e trabalhadores no mesmo sistema operacional; introduzindo assim um novo formato de gerenciamento (ABÍLIO, 2020). A Amazon, empresa do bilionário Jeff Bezos, tem dominado o sistema de vendas ao redor do mundo, ao congregar setores diversos de produtos e serviços e, de maneira semelhante à ocorrida em outras plataformas, coordena a distribuição e os preços dos itens que vende a partir dos dados gerenciados em aplicativos (MORESCHI; PEREIRA; COZMAN, 2021). Acaba, portanto, quebrando pequenos comércios e fazendo estremecer a relação dos usuários com os consolidados sistemas de transporte de carga, como acontece, no Brasil, com os Correios.

Na construção desse cenário é importante destacar as discussões sobre as privatizações, como um exemplo da expansão neoliberal, que em função da sua complexidade será nesse artigo apenas apontada, mas que demanda para uma consistente reflexão ser aprofundada a partir de outros textos (BRITO; AQUINO, 2016; BRITO, 2017). Os empreendimentos que fazem parecer inovação os sistemas já existentes operam de uma forma mais barata, priorizando o trabalho não-humano e explorando uma diversificação de trabalho precário, tornando-se, assim, a “menina dos olhos” do neoliberalismo. Essas transformações vêm causando efeitos deletérios à medida que o hibridismo entre trabalho vivo e trabalho morto excede as fronteiras, consolidando um ideal a exclusão do fator humano, a partir dessa universalização de premissas tomadas como inovadores em relação

às práticas laborais. Percebe-se com isso efeitos na articulação trabalho e vida, sendo este o norte de discussão neste trabalho.

Partiremos, portanto, da descrição do funcionamento do programa denominado CamperForce da Amazon para articularmos ao modo como esses novos trabalhos vêm reorganizando o tempo e a vida dos sujeitos, à exemplo dos Estados Unidos da América, trata-se de um novo tipo de gestão e novo modo de estar no trabalho, a “Amazon recrutava estes trabalhadores como parte de um programa chamado CamperForce: uma unidade de mão de obra composta por nômades que trabalham como funcionários temporários em vários depósitos, que a empresa chama de centros de distribuição, ou CD” (BRUDER, 2021, p. 61). Sustentados pelo trabalho de milhares de pessoas que perderam suas casas em decorrência da crise de 2008/2009, por migrantes, idosos, pessoas que não se encaixam no mercado formal de trabalho, cada vez mais restrito e que amplia a demanda por postos de trabalho vulneráveis. Essas espécies de campings, onde se concentram esses trabalhadores fluidos (BAUMAN, 2001), são verdadeiros estacionamentos para automóveis, que têm ocupado o lugar de casas mundo afora, que ficam em torno dos galpões da Amazon enquanto dura o período de contratação por demanda, principalmente no contexto norte-americano.

Este modo de organização dos trabalhadores parece apontar para o novo motor de impulsão para onde, literalmente, caminha o fenômeno da precarização do trabalho (AQUINO, 2020). As condições extremas com as quais o trabalhador lida, numa imposição das plataformas, são diversas: trabalho intermitente; migração; e possuir alguns meios de conduzir por si próprio as atividades: no caso da Amazon, a necessidade que os trabalhadores se vêem obrigados a

suprir, a saber a capacidade de percorrer de trailer o país em busca de um novo posto de trabalho, indicando-nos a excessiva mobilidade que trouxemos na introdução deste escrito.

Destacaremos excertos dos relatos trazidos ao longo do livro em articulação com os teóricos da Psicologia Social do Trabalho (PST), que vêm se preocupando com as incidências que essa reformulação do trabalho tem sobre a subjetividade. Consideramos importante destacar a intencionalidade do neoliberalismo em pasteurizar e homogeneizar o trabalhador em serviços intermitentes e precários. As variadas facetas do processo de precarização nos galpões da Amazon apontam-nos questões e reatualizam o que discurso neoliberal coloca na conta dos sujeitos: a viração, a “resiliência” e o extremo de cooptar idosos, que já não possuem seguridade, para um trabalho pesado e exaustivo. Algo já antes visto na Revolução Industrial é maquiado como inovação; estamos mais uma vez diante da imposição de aceleração do ritmo de trabalho, para que os homens acompanhem as máquinas, numa virada de tempo e de expansão das jornadas laborais (OLIVEIRA, 2006).

Os ideais empreendedores são alguns dos modos de escamotear as condições de segurança e de sobrevivência dos trabalhadores que acabam por entrar em uma dinâmica impossível e desgastante em que qualquer trabalho é visto como alternativa para suprir o básico de recursos. Uma verdadeira rede de trabalhadores prontos para assumir os trabalhos vai se formando em torno desse novo mapa do desalento, da itinerância e da impermanência. Ilustraremos a seguir o modo como os trabalhos por plataformas têm redesenhado a vida de trabalhadores e, resguardando as diferenças históricas entre Brasil e EUA, o modo como as crises alteram e intensificam a exploração do trabalhador (MANZANO; KREIN, 2020).

“Há esperança na estrada”: *Nomadland* e o esfacelamento do Sonho Americano

Nos EUA do século XXI, empregadores descobriram uma nova força de trabalho educada, disposta e de baixo custo, composta em sua maioria por norte-americanos mais velhos e sem endereço fixo. Inspirada em uma reportagem sobre o programa Camper Force da Amazon a jornalista americana Jessica Bruder decidiu passar três anos nas estradas para escrever uma longa reportagem sobre a crescente cultura nômade, que culminou na publicação do livro *Nomadland: Sobrevivendo na América no século XXI* (BRUDER, 2021).

O Amazon Camper Force, lançado em 2008, é um programa que recruta trabalhadores sazonais durante meses de altas temporadas, passageiros de trailers e pessoas que vivem em vans para empregos temporários para reforçar sua força de trabalho durante o movimentado período de compras de fim de ano (BUTTERWORD, 2021). A empresa aposta nesse tipo de contratação como um investimento e um benefício a tantos trabalhadores que precisam de renda extra. Este modelo de trabalho tem atraído cada vez mais trabalhadores, em geral idosos e jovens com suas famílias, para um crescente número de armazéns da Amazon em vários estados norte-americanos. Constrói-se a partir disso uma verdadeira “cultura nômade” em torno desse estilo de vida associado ao modo de trabalho, semelhante ao que ocorre com os uberizados, quando são associados ao empreendedorismo e dos quais trataremos adiante, estes trabalhadores temporários fazem bicos de curto prazo em troca de salários baixos, ganhando as estradas em RVs, trailers, ônibus e vans.

Muitos desses trabalhadores se encontram endividados, principalmente depois do período de recessão na economia norte-ameri-

cana em 2008/2009. É importante destacar que essa recessão é considerada como a pior crise americana desde a Grande Depressão em 1929. A crise de 2008/2009 foi, em suma, causada por um aumento nos valores imobiliários que não foi acompanhado por um aumento de renda da população americana, levando a um estrangulamento financeiro pela impossibilidade das famílias arcarem com dívidas de créditos. O resultado desse processo é que “o mercado monetário interbancário – onde os bancos emprestam e tomam emprestados entre si recursos de curto prazo –, que é fundamental para o funcionamento de um sistema bancário moderno capitalista, secou” (EVANS, 2019, p. 16). Um grande período de incentivo imobiliário levou trabalhadores a investirem em compras de imóveis como depósito de seus recursos e esperanças de aposentadoria no mercado, e acabaram por perder as condições de sobrevivência mais imediatas.

A realidade que se apresenta a partir desse fenômeno é de pessoas atingidas pelo aumento do custo da habitação, e por salários muito baixos, pela impossibilidade de alcançar uma aposentadoria e/ou pelas condições da previdência social norte-americana, fazendo com que os cadastramentos nesse tipo de trabalho viam a possibilidade de retorno ao mercado, ainda que em condições precárias, temporárias e incertas. Segundo Bruder (2021), muitos trabalhadores encontraram esperança na estrada, desistindo de suas casas para viver “rodando como células sanguíneas pelas veias do país”, tomados por decisões injustas, como: “Você prefere comer ou ir ao dentista? Pagar a hipoteca ou a conta de luz? Financiar um carro ou comprar remédios? Cobrir o aluguel ou a dívida estudantil? Comprar roupas quentes para o inverno ou gasolina para ir e voltar do trabalho?” (BRUDER, 2021, p. 12).

A maior parte desses trabalhadores nômades, ou viajantes, ou ciganos, ou “errantes motorizados”, como alguns se autodenominam, compreendem esse movimento como um fenômeno moderno de uma tradição muito longa. Referem-se às tradições romanas de soldados afiando suas espadas e consertando armaduras, em uma visão quase romântica: “Atualizamos as carroças do faz-tudo para um ônibus confortável ou um trailer de cinco rodas. Agora com maioria aposentada, acrescentamos ao nosso repertório, as habilidades de toda uma vida nos negócios” (BRUDER, 2021, p. 63). Interessante pontuar que a maioria deles dependiam de uma rede de segurança perigosamente fina: a aposentadoria, que não supria o fardo de gastos nessa idade mais avançada, especialmente depois de suas economias ao longo da vida terem sido pulverizadas após o período de 2008/2009; portanto, para estes aposentados que tinham que retornar ao mercado de trabalho, tinham que lidar com a diminuição das opções, ainda que houvesse experiência em diversas atividades, pois com a crise “não parecia haver como sair da esteira de empregos mal-remunerados” (BRUDER, 2021, p. 49).

Na iminência de não ter como sobreviver, vivendo os farrapos do Sonho Americano, esses trabalhadores idosos abriram mão de tudo, na sensação construída de que algo bom estava para acontecer, segundo muitos relatos da pesquisa de Bruder (2021).

Era minha esperança que isso me ajudasse a entender algumas questões insistentes: como uma mulher de 64 anos que trabalha arduamente acaba sem casa ou lugar permanente para ficar dependendo de trabalhos imprevisíveis e mal remunerados para sobreviver? Morando na natureza alpina, como neve intermitente e talvez pumas, em um trailer minúsculo, limpando privadas, à mercê de empregadores que, de uma hora para outra, podiam reduzir seu horário e até demiti-la? Como seria o futuro de alguém assim? (BRUDER, 2021, 42).

Nesse sentido, foram criadas condições que permitiram, por um lado, esses sujeitos ganharem a vida de algum modo e, por outro lado, produzir mão-de-obra barata, fácil e transitória para grandes corporações. Como caracterização do trabalho no Camper Force, os trabalhadores carregam um scanner no próprio crachá que utilizam como identificação e para acessar o sistema da Amazon. Este item que coordena a atividade, indica os itens a serem “resgatados” pelos galpões. As pessoas “trabalham com base em instruções fornecidas por um scanner portátil, resgatando e entregando itens” (DELFANTI, 2021, p. 54). Para a inserção do trabalhador no modelo da empresa, há o período de treinamento com duração de uma semana. Nele as pessoas são apresentadas ao trabalho e passam pelo que a empresa nomeia de “endurecimento de trabalho” (BRUDER, 2021, p. 120). São dias em que o turno tem meio período para que os recém-chegados se acostumem a andar pelo concreto, por repetidas vezes, e possam aguentar os turnos de 10 horas quando o teste inicial acabar, mesmo sujeitos a inúmeras lesões.

Esse tipo de realidade laboral, mais do que nunca, parece transpor as linhas que dividem o trabalho e a vida constantemente, como percebemos através dos relatos dos trabalhadores entrevistados por Bruder (2021). Faz-se compreender esse fato por diversos momentos testemunhos nesse sentido como, por exemplo:

[...] Grande parte do que encontrei fazia o workcamping parecer um estilo de vida radiante, ou até um hobby excêntrico, e não uma estratégia de sobrevivência numa época em que os americanos eram expulsos pelos preços da habitação tradicional e lutavam para ganhar seu sustento. (BRUDER, 2021, p. 186).

Há sutilezas na maneira como os ideais do neoliberalismo passam a capturar o cotidiano dos sujeitos, fazendo com que as rela-

ções sejam extremamente individualizadas, dissociando condições sociais e subjetivas, fazendo parecer unitário e escolha o “estilo de vida”. A trabalhadora cuja fala se apresenta acima repetia constantemente o mantra “não desista até que o milagre aconteça” para dar conta dos pesados turnos de trabalhos nos galpões; os longos períodos de trabalho requerem bastante atenção para distribuir os itens pelos galpões de forma a facilitarem o recolhimento feito pelo trabalhador que virá posteriormente. Apesar desse ideário que busca romper laços sociais, nos relatos apresentados pela autora surgem agrupamentos de trabalhadores, em um movimento em que a própria noção de solidariedade surge como estratégia de resistência. A exemplo, vemos a iniciativa do CheapRVLiving.com, site que propunha a troca de informações, contatos e encontros entre trabalhadores nômades. Posteriormente, criou-se uma rede em expansão, uma vez que “juntos, eles eram uma subcultura, formando seus próprios costumes, experimentando com estratégias de sobrevivência e divulgando as melhores, escrevendo uma cartilha para a vida na fração inferior da economia” (BRUDER, 2021, p. 107), algo também semelhante ao que percebemos nos trabalhadores uberizados, a resistência que pode surgir a partir da construção e compartilhamento nas redes sociais, dos modos de lidar com o trabalho, vem sendo mencionada ao redor do mundo quando abordamos os trabalhadores precariados (GRAHAM; ANWAR, 2020). Podemos, portanto, evidenciar uma precipitação de um novo modelo subjetivo atrelado aos novos modelos de trabalho

Nessa teia complexa de relações, assim como em outros momentos de crise importantes na realidade norte-americana, assistimos a expansão da exploração e um alargamento das formas de exploração do trabalho, passaremos, pois a construir os indícios do

ocorrido no Brasil, resguardadas as diferenças, mas tendo como base o modo como a exploração do trabalho se modifica no país a partir de uma crise econômica e financeira.

Sobrevivendo no Brasil no século XXI: a plataformização como a nova égide do trabalho

O cenário global do trabalho está sob constantes e intensas transformações, com impactos importantes nas dinâmicas de vida dos trabalhadores. Localizamos como ponto de partida histórico para nossa discussão, as mudanças decorrentes de processos advindos da década de 1970, que coincidem com a inserção de políticas neoliberais pelo governo brasileiro no âmbito do trabalho, ocasionando a reestruturação produtiva e as mudanças de paradigmas de produção e consumo. Com as eleições de Margaret Thatcher (Reino Unido) e Ronald Reagan (EUA) se atinge o ápice do reconhecimento e da expansão sucessiva do neoliberalismo enquanto política de Estado (ANTUNES, 2018). As intensas mutações econômicas, sociais, políticas e ideológicas que corroboraram para um processo de grande fragmentação, heterogeneidade e diversidade da classe trabalhadora romperam com o ideal do pleno emprego construído nos países desenvolvidos e almejado pelos países em desenvolvimento (AQUINO, 2020; COSTA, 2010).

No transcorrer das últimas décadas do século XX, a evolução tecnológica ratifica o Brasil como dependente dos países do Norte para manutenção de suas fábricas, uma vez que nosso país até então era um fornecedor de matérias-primas e estava em atraso na corrida da mundialização. O processo de tímida industrialização, seguida de uma forte desindustrialização são os signos desse cenário. No perío-

do, o Brasil passou por breve industrialização e posterior recuo neste sentido, o que dá início às visadas da reestruturação do trabalho aos moldes do ideário neoliberal. A mundialização intensifica a grande competitividade entre os mercados e acirra a concorrência entre as empresas, processo que faz-se também com a inserção de novas tecnologias nos processos de industrialização (NAVARRO; MACIEL; MATOS, 2017). A inserção de nosso país na rota dos grandes centros industriais se dá de modo semelhante à nossa história: mitigando direitos, uma vez que os trabalhadores experienciam os empregos em fábricas como modo de se organizarem, mas já experimentando as facetas do sistema econômico que os desorganiza.

O neoliberalismo começa a consolidar-se no Brasil por volta do final dos anos 1970 e as organizações sindicais surgem logo posteriormente. Portanto, as negociações entre trabalhadores por melhorias nas condições de trabalho surgiam ao passo que as relações de emprego já eram desestabilizadas, bem como as relações entre trabalhadores (ANTUNES, 2008; BOITO JR, 1996). No país, o que fazia os movimentos de trabalhadores recuarem mundo afora, chega enquanto política de Estado já justificada para facilitar a inserção das indústrias e estabelecer o modelo de trabalho diminuído em direitos, pelos quais os trabalhadores estavam iniciando a experienciar e lutar. Logo, as crises do modelo de trabalho industrial surgem e muitas demissões se fizeram (COSTA, 2010).

A ideologia neoliberal contemporânea é, fundamentalmente, um liberalismo econômico, que exalta o mercado, a concorrência e a liberdade de iniciativa privada, rejeitando veementemente a intervenção estatal na economia. Defende-se um Estado mínimo e uma transferência da tomada de decisões, de forma crescente, para o pla-

no privado, junto a um repasse de serviços básicos estatais para as mãos de empresas particulares, deixando a sociedade sob o amparo da “eficiência” e da “livre concorrência” (BROWN, 2019).

O neoliberalismo se impôs a partir da reestruturação produtiva e encontrou no processo denominado de globalização terreno fértil para proliferar e se expandir, algo que se desenvolveu de maneiras diferentes em cada país. Como exemplo, temos os trabalhos aos quais se volta a nossa discussão. Pensamos que, ainda que haja pretensão de homogeneidade, as diferenças são percebidas nos modos como a exploração incide nos territórios aos quais chega e nas características dos trabalhadores que se inserem nessas perspectivas de trabalho: faixa etária, gênero, raça e classe.

A respeito das realidades laborais que se impõem a partir desses processos, o próprio conceito de trabalhos atípicos (VASA-POLLO, 2005), relacionado a tipos de trabalho que surgem com a proliferação da precarização, parece fazer referência muito mais a uma realidade do norte global. Quando falamos sobre Brasil, e o sul global como um todo, os trabalhos informais, temporários, part-time, etc, sempre permearam a realidade laboral, indo contra a noção de atipicidade (AQUINO, 2020). Nesse sentido, os EUA se constituíram sob um modelo de proteção social baseado nos países europeus, o que começa a ser esvaziado e há um acentuado processo de empobrecimento de parcela da população, como vimos anteriormente. No Brasil, no entanto, essa é uma realidade há muito experienciada, e que vimos acompanhando uma intensificação.

Mais recentemente, nestas primeiras décadas do século XXI, apresenta-se ao cenário de transformações na esfera laboral questões relacionadas à presença cada vez mais massiva das novas tecnologias

nas relações de trabalho, associadas à ampliação da alusão às ideias de sociedade da informação e comunicação, alinhadas à perspectiva da chamada Indústria 4.0. Como exemplos mais recentes temos os trabalhos mediados por plataformas, citados através da Uber e da Amazon. Este novo formato laboral trouxe, para aqueles que vivem do trabalho, uma gestão marcada pela incerteza e por mudanças constantes na relação com o trabalho operacionalizadas através de algoritmos e no modo de pagamento, que não se sabe quando e como ocorrerá (GROHMANN *et al*, 2022). No momento em que se inseriu a mediação plataformizada, a descartabilidade passou a ser mais frequente, sendo os trabalhadores bloqueados da atividade com facilidade ou, em muitos casos, levados a desistir da atividade, dada a dificuldade e extenuação a que chegam durante a jornada de trabalho.

No Brasil, o período em que as plataformas chegaram ao país coincidiu com uma crise política marcada pelo *impeachment* da presidenta Dilma Roussef e posterior incisiva austeridade em relação às políticas econômicas e de trabalho, marcadas pela reforma da previdência em 2016, e pela minirreforma trabalhista ocorrida em 2017. De modo semelhante ao que mencionamos no contexto de construção do CamperForce, temos a culminância da entrada do aplicativo no país com a crescente nos números de desempregados e trabalhadores informais, sendo os cadastrados na plataforma em maioria homens, pretos e pessoas em idades mais avançadas (MANZANO; KREIN, 2020). O que marca a entrada desta nova forma de trabalho é uma crise econômica, como vimos indicando. Com as dificuldades impulsionadas pelas mudanças nas regras trabalhistas, muitos trabalhadores são expulsos de seus postos de trabalho formal e encontram na informalidade um meio de sobrevivência. Posteriormente, temos a crise

impulsionada pela Covid-19⁴, que no país intensificou o aumento dos desempregados e desalentados. Por consequência, os números de trabalhadores por aplicativos cresceu mais uma vez, principalmente dentre os mais jovens, sob a pretensa facilidade de cadastro e imediata iniciação na atividade (Ibid, 2020; AMORIM; MODA, 2021).

Segundo Bruder (2021), os nômades que continuam a buscar trabalhos nos EUA, principalmente os mais velhos - já que as condições de seguridade não lhe garantem sustento digno - têm que retornar ao mercado, na atualidade através do trabalho mediado por plataformas. As crises fazem a cooptação das camadas mais vulneráveis em cada território para o modelo econômico e de trabalho existente no momento, desta forma temos a popularização do trabalho platformizado. É essa constatação o que nos instiga a discutir o modo como a precarização vai se efetivando como regra e como indicativo de globalidade em diferentes e amplas camadas pelo mundo.

A naturalização do trabalho precário, os ideais de “viração” e a cortina de fumaça do sujeito empreendedor no trabalho por plataformas no Brasil

A Uber surge em 2009 como um serviço de transportes em carros de luxo, entre 2009 e 2013 ela se espalha de cidade em cidade e a partir da criação do UberX, serviço de viagens mais baratas, aparece

⁴ Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia em uma cidade chinesa. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (OPAN, 2022). O Brasil é um dos países mais afetados, tendo registrado, desde o início da pandemia, 687.144 mortes por Covid-19, segundo o boletim epidemiológico Coronavírus Brasil (2022) atualizado pelo Ministério da Saúde. O número total de casos confirmados da doença é de 34.746.462.

como empresa dominante no ramo do compartilhamento de viagens (SLEE, 2017). No Brasil é através dela que o trabalho por aplicativo se insere em nosso território, em 2014. De maneira semelhante ao que fazia para a sua inserção em cidades ao redor do mundo, surgiu como uma outra opção mobilidade urbana sem o aval das cidades e em competição com os serviços regulamentados de transporte (RACHED; DE FARIAS, 2017). A importância de falar da Uber faz-se à medida que ela, apesar de não inaugurar um campo, o da economia de compartilhamento, pela sua capilaridade, nomeia o termo uberização e dita os modos de operação e inserção nos territórios.

No Brasil, um *boom* de cadastros acontece inicialmente, mas é com a expansão do serviço em 2016 que esse número cresce, os serviços por plataformas encontram no país um terreno fértil, uma vez que há uma gama de pessoas na informalidade ou em desalento e com alguns meios de cadastrarem-se no aplicativo, a saber, um carro; posteriormente, moto ou bicicleta, a exemplo dos aplicativos de entregas surgidos a posteriori. Como citado acima, devido ao desemprego causado pela crise econômica, e posteriormente intensificada pelo impeachment e pelas reformas trabalhista e da previdência, o número de desempregados cresceu vertiginosamente e a facilidade de inserção no serviço oferecido por aplicativos acaba por ser uma opção para estes trabalhadores sem atividade regulamentada (MANZANO; KREIN, 2020).

Hoje algumas outras plataformas seguem o modo de atuação da Uber - gerenciar um serviço que opera em mediação. O aplicativo não inaugura uma atividade, os taxistas faziam viagens pagas antes deles; as entregas existiam antes deles, a novidade é o gerenciamento em massa, facilitado por um sistema operacional, colocando em

contato milhares de usuários, trabalhadores e os prestadores de serviço, sejam os restaurantes ou supermercados, hoje como acontecem com os serviços de entrega.

Há no Brasil também um variado número de serviços de entrega, como é o caso das empresas *Ifood*, *Rappi*, *James*, dentre outras, cada uma operando a seu modo, mas seguindo o modelo da plataforma que a *Uber* utiliza. Nos serviços de transportes estão os trabalhadores mais velhos que entram no serviço por conta do desemprego, e ao lidarmos com o aplicativo de entrega, estão os mais jovens e sem experiência com o mundo do trabalho formal, por vezes mais pobres, dado o modal necessário, no caso uma moto ou bicicleta (ABÍLIO *et al*, 2020). O aplicativo, pela facilidade no cadastro, tem sido a porta de entrada, no mundo do trabalho, para milhares de trabalhadores que não conseguem um emprego. Esse novo tipo de negócio acaba por reconfigurar o serviço de entrega, e de transporte, mas não só, acaba por reconfigurar os modos laborais, uma vez que o modelo que chega para ser um complemento de renda, vira a principal atividade remunerada.

De uma maneira geral, utilizando uma demanda já existente e ao colocar no aplicativo uma atividade,

[...] a uberização nomeia a síntese de uma série de processos em curso há décadas. Aqui é compreendida como uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho. Comumente associada ao trabalho subordinado por meio de plataformas digitais, refere-se, entretanto, a um sentido mais amplo e complexo. Trata-se de uma tendência que hoje permeia globalmente o mundo do trabalho, que envolve dois aspectos centrais: a consolidação dos trabalhadores como trabalhadores sob demanda (Abílio, 2017 e 2020a) e processos de informalização (Abílio, 2020a), que abarcam não apenas a informalidade, mas também a perda de formas estáveis e reconhecíveis dos meios de controle e gerenciamento do trabalho. (ABÍLIO, 2021, p. 936).

Há, nesse tipo de vinculação laboral, o aparecimento da ideia de autonomia do trabalhador, que passa a ser reconhecido como “empreendedor de si”, “chefe de si”; tal como propagandeia a Uber: “seja seu próprio chefe”. Através de um modelo que propaga a ideia de que o trabalhador gerencia sua própria atividade, trabalhando quando, como e onde quiser, criou-se a ideia de ter alcançado uma liberdade; ainda que uma reflexão mais atenta revele exatamente seu oposto. A atividade requer um extenso tempo logado ao aplicativo para que a sobrevivência seja possível; os ganhos por vezes não acompanham o tempo que o trabalho requer (AMORIM; MODA, 2021; ABÍLIO, 2020). São diversas as incidências na vida do trabalhador por conta desse viés passado pelo aplicativo, a saber, o de um trabalho mais livre; mencionamos semelhante captura subjetiva ocorrida com os trabalhadores do CamperForce. No entanto, quando não há definições pré-acordadas sobre valores, tempo de trabalho, intensidade e outras questões, o trabalhador se revela como mera força de trabalho disponível sob demanda. Não se trata, portanto, de uma vivência de liberdade ou autonomia, pois há, nas decisões tomadas pelo trabalhador, um véu de subordinação a um conjunto de regras e condições sobre as quais ele não tem nenhum poder de gerenciamento. Essa administração de si é inteiramente subordinada e voltada apenas para a gestão de sua própria sobrevivência (ABÍLIO, 2021).

A questão que trazemos é que, a partir de certas transformações no mundo do trabalho, foram criadas as condições para uma ampliação da referência ao empreendedorismo como política de enfrentamento a um Estado cada vez mais frágil. Tal constatação acabou por coadunar com os ideais próprios das políticas proferidas

pelo neoliberalismo, sobretudo na condução da relação capital-trabalho, como mencionamos, que acaba por ser conduzido como um modo próprio de vida (BROWN, 2019).

Na compreensão de que o conceito de empreendedorismo se recicla de tempos em tempos (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011), ele é convocado à cena conforme as exigências do sistema. Acreditamos haver, atualmente, um resgate da figura do empreendedor e de sua função social, e, nesse sentido, a prática empreendedora acaba por reforçar o fim da centralidade do emprego e o alargamento de condições precárias de trabalho, cada vez mais tomadas como naturais. Este termo passa a figurar quase como uma cortina de fumaça sobre a profunda debilidade do trabalho no Brasil.

O resgate do empreendedor, no entanto, não acontece de forma literal. Algumas alterações e releituras ocorreram em função do mundo atual ser, contextualmente, bastante diferente do mundo do final do século XIX. Uma primeira mudança refere-se à ideia de que o empreendedor deixa de ser figura rara: a doutrina neoliberal exige que todos se apresentem socialmente como empreendedores. (Ibid, p. 189).

Essa exaltação de um espírito empreendedor na atualidade se faz em consonância com a reformulação neoliberal da economia política contemporânea. Isso porque, para que uma sociedade baseada no funcionamento de mercado livre sobreviva e seja reproduzida, é fundamental ter indivíduos dispostos a submeter-se a quaisquer condições de trabalho, seja morar em um veículo e rodar o país em busca de trabalhos temporários, seja rodar por exaustivas horas, em condições insalubres, sem remuneração adequada, podendo ser constantemente alterada e por vezes ser bloqueado indiscriminadamente (AMORIM; MODA, 2021). A lógica de funcionamento do

trabalho empreendedor, flexível e informal também alimenta a ideia neoliberal diante da globalização e da internacionalização do mercado. Vimos nos exemplos de relatos trazidos em *Nomadland* (2021) que há uma atribuição ao trabalho exacerbado e inseguro nos Campos como resiliência e capacidade de mudar o estilo de vida.

A valorização do trabalho autônomo empreendedor reinterpreta igualmente o trabalho informal, destacando seu potencial criador vinculado à predisposição individual ao risco e à inovação. Sinônimo de flexibilidade, abrange desde consultores altamente qualificados, com contratos temporários e/ou por projetos, ou sem contrato algum, chegando até os trabalhadores em atividades precárias como ambulantes, camelôs e outros que sobrevivem na precariedade. (LIMA, 2010, p. 161).

Há uma nova forma de produção subjetiva em torno da perspectiva de trabalho, impulsionada por condições impostas. Na esteira dos acontecimentos, está cada vez mais presente nos argumentos dos trabalhadores termos como autogestão, flexibilidade, liberdade, autonomia e “ser seu próprio patrão” para descrever o trabalho por conta própria, autônomo, independente e empreendedor. Nesse sentido, o discurso do empreendedorismo acaba por justificar o trabalho informal e precário, na medida em que determinadas especificidades da informalidade acabam traduzidas para o discurso empreendedor. Assim, o fato de, muitas vezes, não desfrutar de direitos e garantias, de ter uma renda instável e insuficiente, de ter uma jornada intensa e extensa, de ter que se organizar individualmente para realizar uma contribuição para a própria aposentadoria, dentre outros aspectos, são reveladores das características de um trabalho empreendedor, que, em contrapartida, retribui ao trabalhador flexibilidade e sensação de autonomia e liberdade.

O discurso do empreendedorismo acaba se normalizando como parte do próprio funcionamento neoliberal. Em um contexto de desemprego elevado e perda processual de direitos relacionados ao emprego, como já citado em momento anterior do texto, a implementação de uma agenda neoliberal disseminou a força do empreendedorismo, a partir da ideia de que a empregabilidade é de responsabilidade individual, bem como sua sobrevivência, na própria ideia do “[...] empresário de si mesmo, uma vez que a empresa se torna o novo referencial de subjetivação, do indivíduo ao Estado” (PEDRI-NHA, 2021, sn).

Ao falarmos sobre estes trabalhadores precarizados aqui apresentados, nos referimos, para além da ideia mais óbvia de um trabalhador desprovido de direitos e garantias, à duração da jornada de trabalho, à intensificação laboral, à instabilidade e à insuficiência de renda, à impossibilidade de planejamento a longo prazo, à inconstância laboral e, por fim, ao declínio de parâmetros mínimos de dignidade no trabalho. Algo que coaduna com a aproximação possível entre o trabalhador precário com a figura do empreendedor, que “na atualidade tem a ver, de um lado, com o aumento da pobreza e da procura acentuada de alternativas de sobrevivência da população” (LEITE; LINDÔSO, 2021, p. 793), e aqui encontramos como “estilo de vida” no caso dos trabalhadores pesquisados por Bruder (2021). São as múltiplas facetas identificáveis que podem se revestir na exploração do trabalho.

Em concordância com essa compreensão, enfatiza-se que a noção de empreendedorismo de si acaba por sobrepujar determinados elementos da realidade dos trabalhadores, o que pode “atribuir ao trabalhador de forma simplista uma falsa consciência sobre sua

própria condição, deslocando perigosamente a compreensão do autogerenciamento para a do autoengano” (ABÍLIO, 2021, p. 938).

Para Abílio (2021), autogerenciamento se refere a um processo em que o trabalhador internaliza o controle, no forjamento de uma subjetividade neoliberal que exercita sua própria subordinação. Para a autora, cada vez mais, devemos falar sobre esse gerenciamento do trabalho e menos da noção de empreendedor de si, já que a ênfase dada ao empreendedorismo acaba por construir uma tentativa de mascarar uma discussão necessária e importante, “que envolve políticas públicas, regulações do trabalho, produções teóricas a esquerda e a direita – em torno de um trabalhador que agora supostamente se reconhece e age como empresário de si próprio, movido por uma racionalidade concorrencial” (ABÍLIO, 2021, p. 937).

Portanto, trata-se da gerência sobre sua própria sobrevivência, que a uberização do trabalho acaba por banalizar. Mais além da noção de autogerenciamento, podemos compreender a uberização como “subsunção real da viração” (ABÍLIO, 2017). O que entendemos por viração não é simplesmente falar sobre bicos ou trabalhos temporários, mas um fenômeno que se expande na realidade de tantos brasileiros, não havendo categorias teóricas entre formalidade e informalidade que possam dar conta, sendo arranjos cotidianos que podem ser compreendidos como estratégias de sobrevivência (ABÍLIO, 2021).

Desse modo, compreende-se que esses mecanismos de viração e essa gestão da própria sobrevivência se tornam elementos de gestão do capital. A apropriação dos modos de vida periféricos se constituem em estratégias de incorporação dessa população ao mundo do trabalho com características próprias do neoliberalismo,

exacerbando a individualidade e através de realidades cada vez mais baseadas em um modelo de trabalho que se distancia progressivamente de um modo digno de vida, indicando aos trabalhadores que a luta pela sobrevivência diária é a regra.

Considerações finais

A precarização acaba escapando dos limites laborais e se esgueirando pelas vivências do sujeito em sua integralidade. Parece consolidar-se no horizonte uma normalização da instabilidade na vida (FILHO; GEORGES, 2021). Nesse cenário, a precariedade é profundamente incorporada enquanto modo de ser do trabalhador, e como pudemos discutir articuladas como “estilo de vida”. Termo importante de ser ressaltado, visto que constitui como parte do novo modelo de trabalho a reconfiguração da subjetividade de parte considerável da classe trabalhadora. Além do sentido de instabilidade naturalizado, o trabalhador também se vê profundamente culpabilizado, pois apenas dele depende sua sobrevivência e seu sucesso ou insucesso, por sua situação de trabalho ou de não trabalho. Constrói-se a ilusão de que o esforço pessoal dará conta de propiciar todas as oportunidades necessárias.

O que este escrito intencionou demonstrar foi a cooptação que o neoliberalismo faz dos mais diferentes sujeitos, através do espraio de seus ideais de maneira coordenada e por diferentes territórios. Demonstramos o caso dos trabalhadores nômades nos Estados Unidos e de motoristas e entregadores uberizados de forma especial aqui no Brasil. Dentre os ideais neoliberais estão a dissociação das políticas de Estado, a desorganização do poder de traba-

lhadores, cada vez menos possibilitados de lutarem por condições dignas em suas atividades, a desarticulação entre os compromissos do Estado com garantias de bem-estar das populações, e uma tendência ao impulsionamento do individualismo como modo de vida (BROWN, 2019). Tais ideais incidem de maneiras próprias em cada tipo de trabalho apresentado neste artigo, seja na percepção do nômade como uma cultura; seja no modo como o entregador pode ser visto como um empreendedor, por exemplo.

Como indicamos há, por diferentes formatos, uma articulação crescente e imbricada do modelo neoliberal de trabalho aos modos de relacionamentos, em geral; a instabilidade e sobrevivência diária são tomadas como realidade por trabalhadores de diferentes grandes metrópoles. Ainda que estratégias coletivas sejam articuladas por estes trabalhadores, como é o caso dos acampamentos nômades, o CampeForce, iniciados como alternativos à crise de 2008/2009, acabam sendo cooptados pelo modelo de trabalho das grandes corporações plataformizadas, indicando que poucas saídas conseguem efetivar-se diante do poder de incidência das grandes máquinas corporativas como a Amazon e a Uber. Sustentamos, no entanto, a percepção de que a organização coletiva faz parte da estratégia inicial de oposição ao domínio do trabalho sobre a vida. Ainda que figure de maneira incipiente, a percepção de uma saída coletiva, pelos trabalhadores, faz parte do início da articulação para retomar algum caminho de luta por dignidade no trabalho.

Referências

ABÍLIO, L. C. **Uberizacao:** subsuncão real da viração. Passapalavra/Blog da Boitempo, 19 fev. 2017. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2017/02/110685/>>. Acesso em: 18 out. 2022.

_____. **Uberização: a era do trabalhador just-in-time?** 1. Estud. av., São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, Apr. 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000100111&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2021. Epub May 08, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>.

_____. **Empreendedorismo, autogerenciamento ou viração? Contemporânea, Dossiê Alternativas Infernais: uma análise sociológica do Empreendedorismo**, v. 11 n. 3 (2021): Setembro - Dezembro de 2021. <https://doi.org/10.4322/2316-1329.2021023>

ABÍLIO, Ludmila. C.; ALMEIDA, Paula. F.; AMORIM, Henrique; CARDOSO, Ana. C. M.; FONSECA, Vanessa. P.; KALIL, Renan. B.; MACHADO, Sidnei. **Condições de trabalho em empresas de plataforma digital: os entregadores por aplicativo durante a Covid-19**. São Paulo: REMIR, 2020. 11 p. Relatório Parcial de Pesquisa.

AMORIM, Henrique; MODA, Felipe B. **Trabalho por aplicativo: uma síntese da intensificação do trabalho, da informalidade e da resistência política no contexto da pandemia**. Revista Trabalho, Política e Sociedade, v.6, n. 10, p.105 - 124, 2021.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

_____. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.

AQUINO, C. A. B. **Precarização, neoliberalismo e questão social: reverberações sobre os modos de trabalho no nordeste brasileiro**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2020, vol. 23, n. 1, p.51-63 – <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v23i1p51-63>.

BAUMAN, Z (2001). **Trabajo, consumismo y nuevos pobres**. Barcelona, Gedisa.

BRITO, N. D. **E a família acabou...: um estudo sobre a privatização do Banco do Estado do Ceará**. 2017. 139f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23802>. Acesso em: 19 out. 2022.

BRITO, N. D.; AQUINO, C. A. **Planos de demissão voluntária: reflexos sobre a relação indivíduo-trabalho**. Revista de Psicologia, v. 7, n. 1, p. 38-50, 30 jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/3671>. Acesso em: 19 out. 2022.

BOITO JR, A. Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil. In: **Crítica Marxista**, n 3, São Paulo. Editora Brasiliense, 1996.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. Santos - SP: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BRUDER, J. **Nomadland: sobrevivendo na América no século XXI** / Tradução de Ryta Vinagre. - 1º ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

BUTTERWORD. **‘Nomadland’ destaca a la fuerza laboral de RV de Amazon: así es como es realmente**. Publicado em 28 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.butterword.com/2021/02/nomadland-destaca-la-fuerza-laboral-de.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

CORONAVÍRUS BRASIL. **Painel Coronavírus**. Atualizado em 19 de outubro de 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 19 out. 2022.

COSTA, M. S. **Trabalho informal**: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. Cader- nos CRH, 23(58), 171-190, 2010.

COSTA, A. M. da; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. **A di- mensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo**. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 2, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/lf7XuQ>. Acesso em: 25 maio 2019.

DELFANTI, A. A organização do trabalho nos galpões da Amazon. In GROHMANN, R. **Os Laboratórios do trabalho digital**: entre- vistas. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

EVANS, T. **Cinco explicações para a crise financeira internacio- nal**. Revista Tempo do Mundo, v. 3, n. 1, p. 9-30, 9 dez. 2019. Dis- ponível em: [https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/ view/103](https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/103). Acesso em: 19 out. 2022.

FILHO, T. P. A.; GEORGES, I. P. H. **A gestão do próprio trabalho e vida**: uma discussão sobre “empreendedorismo” e gênero a partir de duas trajetórias socioprofissionais. Contemporânea, v. 11, n. 3 p. 875- 904, Set.–Dez. 2021. <https://doi.org/10.4322/2316-1329.2021026>

GROHMANN, R., P.; GUERRA, A.; ABÍLIO, L. C., MORESCHI, B.; JURNO, A. **Platform scams**: Brazilian workers’ experiences of dishonest and uncertain algorithmic management. New Media and Society, v.24 n.7. p. 1611 - 1631. ISSN 1461-4448, 2022.

LEITE, M. P.; LINDÔSO, R. O. **Empreendedorismo, neoliberalismo e pandemia**. O desmascaramento de uma ideologia. Con- temporânea, Dossiê Alternativas Infernais: uma análise sociológica do Empreendedorismo, v. 11 n. 3 (2021): Setembro - Dezembro de 2021. <https://doi.org/10.4322/2316-1329.2021027>

LIMA, J. C. **Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho?** Sociologias, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 158-198, set/dez. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/dqcDy0>. Acesso em: 29 maio 2019.

MANZANO, M.; KREIN, A. **A pandemia e os motoristas e entregadores por aplicativo.** Campinas: Cesit/Unicamp. 2020. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/con-dicoes-de-trabalho/186-a-pandemia-e-o-trabalho-de-motoristas-e-de-entregadores-por-aplicativos-no-brasil> Acesso em 20 out 2022.

MORESCHI, B.; PEREIRA, G.; COZMAN, F. Os brasileiros que trabalham na Amazon Mechanical Turk. in GROHMANN, R. **Os Laboratórios do trabalho digital: entrevistas.** 1ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

NAVARRO, V; MACIEL, R.; MATOS, T. A questão do trabalho no Brasil: uma perspectiva histórica a partir do desenvolvimento industrial. In: COUTINHO, M.; BERNARDO, M; SATO, L. (orgs.) **Psicologia Social do Trabalho**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

OLIVEIRA E. M. (2006). TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO, DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL AOS NOS-SOS DIAS / Word of work transformations - from industrial revolution to our days. **Caminhos De Geografia**, v.5 n. 11. Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15327> Acesso em: 20 out 2022.

OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19.** Organização Pan-Americana de Saúde. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 19 out 2022.

PEDRINHA, R. **Como o neoliberalismo naturalizou o sofrimento e esvaziou a democracia**. Jacobin Brasil. Publicado em 29 out 2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/10/para-alem-da-razao-neoliberal2/>. Acesso em: 19 out. 2022.

RACHED, G. deFARIAS, E. Regulação do transporte individual de passageiros: um estudo de caso sobre a Uber no Brasil. **Revista Direito da Cidade**. V. 9, N. 3 (2017) Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/26922> Acesso em 20 out 2021.

SLEE, T. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

VASAPOLLO, L. **O trabalho atípico e a precariedade**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.